

O CONSUMO MORTUÁRIO E OS FÚNEBRES EM LIMOEIRO DO NORTE - CE

RAFAELA MOREIRA DE LIMA*

Resumo

A pesquisa analisa as práticas mortuárias e consumo funerário pós 1989, principalmente a partir a atuação da empresa funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda, em Limoeiro do Norte-CE. Com isso, analisamos como esta funerária vem interferindo nas mudanças ocorridas nos velórios introduzindo na sociedade uma lógica comercial e um discurso do bem morrer com a compra de um plano funerário. Compreendemos que todos os cuidados que envolviam o velório e o enterro do morto eram de responsabilidade das famílias do morto que se preocupavam em oferecer ao falecido as últimas cerimônias fúnebres. A partir da inserção dos serviços funerários todos esses cuidados ficam a cargo das funerárias que providenciam tudo sem que os familiares se preocupem com essas questões. Estes eram rituais e práticas que envolviam crenças cristãs que com o passar das décadas sofreram alterações interferindo, inclusive, na concepção que a sociedade contemporânea tem de morte e luto.

Palavras Chaves: Morte, Rituais fúnebres, Comércio.

Abstract

The research analyzes the mortuary practices and funerary consumption after 1989, mainly from the company Family Assistance Guardian Angel in Limoeiro do Norte - CE. With this, we see how this funeral is interfering with changes in society in the wake introducing business logic and discourse of good die with buying a funeral plan. We understand that all care involving the funeral and burial of the dead were the responsibility of the families of the dead who were concerned in offering to the deceased the last funeral rites. From the integration of all these services funeral care are the responsibility of the funeral that provide everything that the family without worry about these issues. These were rituals and practices involving Christian beliefs over the

* Mestranda em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará, integrando a linha de pesquisa, Memória, Oralidade e Cultura Escrita. Bolsista CAPES.

intervening decades have changed, including the concept that contemporary society has of death and mourning.

Key Words: Death, Funeral Rites, Trade.

Podemos perceber que ao longo dos anos o mercado funerário¹ vem se especializando e ampliando sua cartela de serviços como uma forma de manter-se na sociedade de consumo em que vivemos. Pensar estratégias de mercado é umas das preocupações das grandes empresas funerárias que cada vez mais vêm inserindo uma lógica comercial em torno das cerimônias fúnebres tornando-as mais especializadas e padronizadas.

Partindo desse pressuposto compreendemos a Funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda e o plano funerário AFAGU, que atuam na região do Vale do Jaguaribe, tem sido uma das empresas com pioneirismo nessas atividades em Limoeiro do Norte CE, desde 1989.

Conforme Isabela Andrade, no Brasil, o empresariar da morte e do morrer ocorreu a partir da modernização dos espaços tanático² que possibilitaram o surgimento dos “Grupos” no final da década de 1980, o que significa que todo o processo do morrer ficou centralizado por algumas poucas empresas. Os “Grupos” são, portanto, empresas completas que agregam vários empreendimentos funerários com o objetivo de dar conta de todo o processo do morrer: o antes (com o serviço de prevenção do funeral), o durante (com serviço funeral), e o depois (com os serviços de assistência ao luto). (MORAIS, 2009, p, 96). Na relação comercial entre a empresa funerária e seus clientes, as agências incluem a venda de artefatos e serviços mortuários a seus consumidores como forma de sobressaírem num mercado competitivo. Percebemos essa questão mais claramente quando o funcionário da Funerária Anjo da Guarda, Ricardo Alves, descreve como funcionavam os primeiros serviços funerários da empresa à qual trabalha;

Até então, as empresas ficavam com o trabalho simplesmente localizado na sua lojinha, não tinha trabalho de campo, não tinha venda de estoque, então era uma espécie de concorrência pesada pra ver quem ficaria com

¹ MORAES, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte:** Estudos sobre o empresariar da morte e do morrer uma etnografia no grupo Parque das Flores, em Alagoas. Recife: Is, n., 2009. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

² O termo deriva de tanatologia, que segundo a definição do dicionário “Aurélio”, refere-se à teoria sobre a morte, e na medicina legal, é a parte que se ocupa da morte e dos problemas médico-legais com ela relacionados. Portanto, em nossa pesquisa entendemos por espaço tanático todo o ambiente e atos relativos aos serviços e cuidados relativos à morte.

direito do serviço daquele corpo. Então, aí muitas empresas chegava na frente, muitas vezes o parente ainda vivo a pessoa já chegava oferecendo a questão do serviço, isso era constrangedor demais. (Entrevista realizada em: 15/07/2010).

Acompanhando as modificações ocorridas em uma sociedade capitalista as empresas funerárias criaram estratégias para combater a concorrência, garantindo um número ainda maior de clientes adeptos dos novos serviços oferecidos, negociados. Especializar-se, modernizar-se e oferecer serviços diferenciados são estratégias que as funerárias encontraram para se manterem no mercado. Toda a preocupação em torno da modernização das empresas funerárias insere a morte a uma lógica comercial quando compreendemos que, associado aos seus aparelhos de atendimento ao cliente, estão a publicidade e as vantagens em relação à oferta de serviços funerários dos concorrentes.

Percebemos como o léxico funerário está associado às estratégias da empresa em ampliar os seus negócios. Ela só viria a ter aceitação se o tema da morte fosse incorporado pelas pessoas como algo natural, e não revestido de preconceito. A morte passa a ser camuflada nas atitudes e nos discursos sociais quando novas terminologias vão surgindo no vocabulário fúnebre a fim de ocultar e banir o sentimento de horror e medo causado pela morte e pelos corpos mortos e decompostos. De acordo com Isabela Andrade;

Evita-se dizer que alguém morreu, preferindo dizer que “descansou”; evita-se falar em “morto” ou “cadáver”, referindo-se a eles (os mortos) como um “corpo” ou um “óbito”; não se fala mais de “centros funerários” ou “pompa fúnebres”, mas de “serviços tanatológicos”; os cemitérios se toraram “campos verdes” ou “campos-santos” (MORAIS, 2009, p, 56).

Os meios de comunicação de massa e o mundo do anúncio em que vivemos transformam tais serviços tanatológicos necessários e indispensáveis. As pessoas acabam sentindo a necessidade de consumir os produtos a partir de um discurso disseminado pela publicidade e criado pela própria funerária de que para viver de forma tranquila com relação à morte temos que pagar pelos planos funerários. Anúncios cada vez mais frequentes em jornais, revistas e internet são estratégias de marketing que tem como principal função a transmissão de informações para determinados públicos, comunicando à sociedade os códigos culturais que estão presentes nos bens de

consumo. (MORAIS, 2009, p.140). Podemos perceber que dentre as estratégias propagandistas utilizadas pelas empresas funerárias para divulgar os produtos e serviços nos meios de comunicação, é muito comum a utilização de imagens de paisagens (céus, nuvens, floresta), esta é uma forma de fazer com que a morte não pareça tão terrível e tenebrosa, fúnebre.

Pensando nisso, compreendemos que a funerária Anjo da Guarda foi a pioneira em criar uma estratégia que garantisse o crescimento da sua cartela de clientes na região jaguaribana e em Limoeiro do Norte, tais como os planos funerários que beneficiassem o cliente ainda em vida. Conforme Ricardo Alves, a grande ideia que a empresa teve foi a de conseguir clientes antes do falecimento dos mesmos;

E qual foi a idéia que tivemos? Vamos conseguir o cliente antes dele morrer. Como é que a gente consegue um cliente antes dele morrer? Se ele tiver algum vínculo com a gente, a gente tendo um vínculo com ele e ele tendo um vínculo com a gente, quando acontecia alguma coisa não precisa mais eu correr atrás daquele cliente porque ele já está vinculado a mim, então partir dessa idéia, criar um vínculo com o cliente antes de haver o falecimento. (Entrevista realizada em: 15/07/2010).

Fazer com que as pessoas criassem vínculos com a empresa fez com que elas associassem os planos funerários não só a morte, mas a benefícios ainda em vida. Além disso, essa era uma maneira de tranquilizar os vivos que não se preocupariam em organizar os velórios de outrora, haja vista vivermos em uma sociedade onde as pessoas não dispõem de tempo para preparar os rituais fúnebres de seus entes queridos. Pensando nisso, a empresa criou estratégias de parcerias com várias outras empresas oferecendo aos clientes do plano AFAGU descontos em diversos serviços³.

Compreendemos que vários são os motivos que levam os indivíduos a aderirem aos planos funerários. Em seu estudo sobre o empresariar da morte e do morrer no grupo Parque das Flores, em Alagoas, Isabela Andrade cita alguns motivos que levam as pessoas a adquirirem os produtos e serviços funerários preventivamente. Entre eles, a autora destaca a praticidade e comodidade atrelada aos atuais serviços funerários, o receio de ser sepultado em uma vala comum, a ineficiência da gestão da morte pelo

³ O plano AFAGU disponibiliza aos seus associados uma rede de parcerias que lhes dão descontos em atendimentos médicos, oftalmológicos, odontológicos, ginecológicos, psicológicos, e descontos em vários estabelecimentos comerciais como supermercados, farmácias, laboratórios, etc.

serviço público e o desejo de oferecer as últimas cerimônias à pessoa como uma forma de retribuição por todas as suas realizações em vida. Portanto, vemos que em certa medida existe um vínculo e uma correlação que envolve os vivos e mortos nesse contexto de consumo e oferta de serviços funerários.

Vemos que hoje a maior preocupação das pessoas não está apenas em velar o morto e seguir os rituais fúnebres que garantem, segundo a crença cristã, uma boa morte. “Morrer em paz” passou a significar não deixar para os familiares o trabalho de preparar o velório e o sepultamento, rituais que antes faziam parte do luto e que atualmente dão lugar a padronização e a assepsia, características da nossa sociedade contemporânea. Aderir ao plano funerário significa passar todos esses cuidados para especialistas que se responsabilizam pelo tratamento do corpo. Igualmente, todas as questões burocráticas também são de responsabilidade dos especialistas.

Trabalhando com essa temática somos capazes de trazer discussões em torno das concepções sobre a morte e como este evento natural da vida humana se torna um negócio rentável e lucrativo para empresas funerárias particulares, que passam a cuidar de todo o processo que a envolve. Podemos, com tais pesquisas, contribuir para uma análise historiográfica acerca do consumo mortuário no Ceará compreendendo como as empresas funerárias criaram novas formas de estetizar o cenário fúnebre com o objetivo de tornar os planos funerários mais atrativos e de afastar as dimensões da perda e do horror anteriormente associadas ao tema. Percebemos, desta forma, que há um apelo comercial nesse ramo de negócios que acaba tornando indispensável para as pessoas a adesão para aos consócios funerários.

Diante dessa discussão, percebemos que dentro do imaginário católico cristão existe uma gama de significados atribuídos às cerimônias fúnebres que fazem parte de uma construção coletiva. Enquanto historiadores, temos que pensar essas construções analisando a multiplicidade de sentidos atribuídos à morte que envolve símbolos, rituais e práticas. Compreendemos que o ser humano sempre abominou a morte, ela sempre foi considerada como um acontecimento medonho e pavoroso. Entretanto, o modo de conviver e lidar com a morte, com o morrer e com os moribundos se modificou com o passar do tempo.

Contudo, percebemos que ainda nas décadas de 1970 e 1980 em Limoeiro do Norte havia a presença de apetrechos que estavam relacionados à ideia do “bem morrer”

como, por exemplo, o uso da mortalha, e que a partir da introdução das casas funerárias deixam de existir ou ganham novos significados. Percebemos que assim como outros fatores, a comercialização dos serviços funerários interferiu para o distanciamento que as pessoas passam a ter da morte, assim como na redução da participação popular nos rituais fúnebres. Rituais estes que davam início ainda na preparação do corpo do morto e ia até o momento do sepultamento onde o cortejo era acompanhado a pé e seguido por cânticos, lamúrias e orações.

Percebemos que nas últimas décadas do século XX o comércio funerário em Limoeiro do Norte – CE funcionava apenas com a venda do caixão e velas, ainda não existia um serviço especializado. As pessoas já tinham acesso às casas comerciais que fabricavam e vendiam caixões, deixando claro que as mudanças na maneira como as pessoas tratavam a morte começava a ganhar novas formas. Portanto, é inegável que ao longo do tempo o campo ritual da morte sofreu alterações, mudanças e transformações, assumindo dinâmicas diversas, seja por razões políticas, econômicas, seja por fatores sociais, culturais, religiosos ou morais.

Discutir questões relacionadas à morte nos remete a necessidade nas renovações historiográficas acontecidas ainda no século XX, a emergências de novas abordagens, de novas problemáticas e de ampliação na noção de fontes historiográficas fizeram surgir estudos sobre a morte e os ritos fúnebres. Nesse campo de pesquisa, onde práticas e representações se relacionam, as atitudes diante da morte vêm demonstrando a pluralidade de comportamentos sociais que envolvem continuidades e rupturas no cotidiano mortuário. Nas mudanças, antigos significados foram reinterpretados e novos significados vão sendo adquiridos, num movimento de reavaliação funcional e simbólica dos ritos fúnebres. Isto ocorre porque os significados são sempre reinterpretados quando colocados em prática, pois a cultura é historicamente produzida e alterada pela ação, isto na medida em que os homens repensam criativamente seus esquemas culturais (SAHLINS, 2003).

Contudo, como pode ser percebido, o aprofundamento das reflexões elencadas está, de modo geral, relacionada ao debate no âmbito da História Cultural. Na produção historiográfica corrente, vale dizermos que autores como Sandra Jatahy Pasavento e Roger Chartier são os grandes expoentes da história cultural.

É com o auxílio da história cultural que podemos pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar e se relacionar com o mundo. A presença da história cultural aponta para uma reinvenção do passado que se constrói na contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discussão. Concordamos quando Sandra Jatahy Pesavento afirma que (...) *a cultura é uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada.* (PESAVENTO 2002, p.15).

A confrontação do homem com a morte acarreta o sentimento de pânico e terror que só vem a ser estabilizado a partir da atribuição de significações que remetam a uma continuidade, a um prolongamento da existência humana. Tais ordenações e significados se dão, portanto, no plano da cultura, cujos códigos estruturam e organizam a vida social.

Compreendemos que para analisar os rituais fúnebres e as concepções de morte que os indivíduos criam é indispensável discutir o conceito de representação que são expressas por normas, instituições, imagens e ritos que se formam como uma realidade paralela à existência do homem. De acordo com Pesavento (2002);

As representações são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.

As representações também são próprias do simbólico onde nele carregam-se sentidos ocultos que construídos social e historicamente se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais. Embutir às práticas fúnebres significados que dão sentido aos rituais, ao luto e a tudo que envolve a morte faz parte do imaginário humano. Apreendemos que o imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, práticas e ritos como sendo própria do ser humano essa habilidade de criação e recriação do real. Portanto, *o imaginário se configura como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.* (PESAVENTO 2002, p. 43).

O estudo sobre imaginário foi por muito tempo relegado a uma posição secundária, principalmente pelo fato do pensamento ocidental basear-se na racionalidade, o qual não valorizava o estudo do imaginário, por considerar que esse não se fundamentava na razão.

Todas essas discussões no âmbito da história cultural representam mudanças significativas nas análises historiográficas onde podemos enxergar e explicar o mundo de outra forma. Portanto, nessa referida pesquisa não podemos deixar de trabalhar com o conceito de sensibilidade entendendo que ela se exprime em atos, em ritos, em palavras e imagens lidando com as sensações, o emocional e com a subjetividade. Para Pesavento (...) *as sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo.* (PESAVENTO 2002, p. 58).

Somos levados a pensar, portanto, que ao historiador da história cultural cabe a atender a um chamamento que ressoa da harmonização entre sons que dobram e redobram, convocando-os, incansavelmente, para incursões interdisciplinares. Roger Chartier (1990) propõe que (...) *a história cultural tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.* (CHARTIER, 1990, p.16).

Antes de vermos a morte como *o fim*, temos que perceber que ela faz parte da construção social humana cujos significados mudam de acordo com o tempo e com o espaço. Dessa forma, devemos compreender a morte, as práticas mortuárias, enfim, toda ação humana que a envolve, numa perspectiva do processo histórico.

Contanto, percebemos que a historiografia nos ajuda a fazer o percurso pelas permanências e rupturas ocorridas em relação aos rituais fúnebres e o ato de morrer que vão criando aceção em torno da morte. Segundo João José Reis (1991) no século XIX as pessoas passaram a se preocupar em ter uma *boa morte* fazendo com que as atitudes diante da morte e dos mortos sofressem mudanças e tomassem novos formatos e novos significados. Havia uma grande preocupação com relação ao destino e à salvação da alma fazendo com que as pessoas se utilizassem de ritos e cerimônias que proporcionassem ao morto uma boa vida no outro mundo. O destino da alma, o lugar do sepultamento, a maneira como se esperava a morte eram relações entre vivos e mortos no cotidiano dos indivíduos no Brasil oitocentista.

Tornamos indispensável no trabalho com a morte e com os rituais fúnebres a utilização da metodologia da história oral que, por conseguinte estará recorrendo a memória de pessoas que puderam presenciar as mudanças ocorridas nas práticas funerárias.

Compreendemos que o trabalho com a memória nos permite perceber o processo e a travessia por onde passam os fatos, o depoente descreve situações e acontecimentos com um grande número de detalhes minuciosos, que muitas vezes um documento escrito não nos oferece⁴. Além disso, apresenta-se em uma linguagem coloquial e carregada de imagens visuais que acaba despertando emoções e sentimentos a quem está sendo entrevistado e ao pesquisador. As pessoas ao fazerem um relato acabam ligando o início e o fim, ou seja, o passado e o presente dando-nos a perceber que a história não é algo linear, que o tempo e a história estão cheios de curvas sinuosas e que cabe ao historiador decifrar certos sinais e signos que o entrevistado acaba por nos fornecer. Por isso que o historiador precisa ser curioso e atento às coisas estranhas, desconexas, não podendo desprezar os detalhes e as veredas por onde os caminhos se cruzam.

Não podemos ver a memória apenas como um armazenamento de fatos, temos que perceber que tais memórias fazem parte de um processo de criação de significados. No decorrer da nossa pesquisa conseguimos perceber que os narradores tentam, a todo o momento, dar sentido a um passado vivido por eles e que hoje são forçados a reviver este passado a partir de suas lembranças. Mas, conforme Ecléa Bosi (...) *lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado*. (BOSI, 1994. p, 55). De acordo com Durval Muniz (...) *o ato de lembrar é, sobretudo, o trabalho de localizar lembranças no tempo e no espaço* (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007. p, 203).

Para Portelli (1997) é a subjetividade do expositor que fornece às fontes orais o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual. Ainda de acordo com este autor, a primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significado. Trabalhar com entrevistas é conhecer aspectos da vida diária de pessoas que até então foram silenciadas por uma

⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história – Bauru. SP: Edusc, 2007. 256 p: 21 – (Coleção História).

história que dava voz apenas aos heróis. Utilizando como proposta metodológica a História Oral acedemos com a idéia de que:

A História Oral, como todas as outras metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como ponte entre teoria e prática. (FERREIRA & AMADO, 2001, p.16).

Temos que pensar a história oral como uma metodologia que possibilita ao historiador diversas formas de obter e utilizar suas entrevistas, de acordo com seus objetivos tentando extrair do discurso do entrevistado respostas para suas problemáticas.

Não devemos falar apenas em memória como algo individual e íntimo carregado de particularidades do próprio indivíduo, pois para Maurice Halbwachs (...) *a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetidos a flutuações, transformações, mudanças constantes.* (HALBWACHS, 1920-30, p.2). Temos que perceber que a memória é construída por personagens, tempo e lugares que vão se relacionando com a vida cotidiana e privada do indivíduo construindo marcos que serão guardados nas lembranças.

Diante dessas observações percebemos que as abordagens históricas vêm se transformando ao longo do tempo dando, cada vez mais, espaço para o debate acerca da memória e da história. Essa discussão coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente, (...) *reconhecendo que o passado é construído segundo as necessidades do presente e chamado a atenção para os usos políticos do passado.* (FERREIRA, 2000. p, 07).

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. “Violar Memória e Gestar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil”. In. **História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história.** Bauru, SP: Edusc, 2007.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.

ANÍBAL, Ana Cláudia. “**Jesus, Maria e José, minha alma vossa é!**”! **Velórios e Enterros na Comunidade Jardim São José – Russas – CE (1970-1990)**. 2010. 66p. (Monografia de Conclusão de Curso de História). Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE, Limoeiro do Norte – Ce.

ÀRIES, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

CHAVES, Elisgardênia de Oliveira. **Viver e morrer: Uma análise sobre a configuração sócio-familiar na freguesia de Limoeiro – CE (1870 a 1880)**. Dissertação apresentada a Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

CHAUVEAU, Agnès. **Questões para a História do Presente** barra Agnès Chauveau; Philippe Tètart; Tradução Ilka Stern Chen. – Bauru, SP, 1999.

DEL, Mary Priore. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História (Ensaio de teoria e metodologia da história)**. Rio de Janeiro: Ed. Campus 1997.

————— Ritos da Vida Privada. In: NOVAIS, Fernando A. e Souza, MELLO, Laura (org). **História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

MORAES, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte: Estudos sobre o empresariar da morte e do morrer uma etnografia no grupo Parque das Flores, em Alagoas**. Recife: Is, n., 2009. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do Tempo Presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, nº 3, p. 111- 124, maio barra., 2000.

GALENO, Cândida. **Ritos Fúnebres no Interior do Ceará**. Fortaleza: Ed. Henriqueta, 1977.

————— **O cotidiano da morte no Brasil oitocentista**. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de e NOVAIS, Fernando A. (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

————— Ritos da Vida Privada. In: NOVAIS, Fernando A. e Souza, MELLO, Laura (org). **História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Paula. **Ansiedade Face à Morte: Uma Abordagem Psicológica e Educativa**. Maio, 2000. Disponível em: <http://pcmarques.paginas.sapo.pt/Ansiedade.htm>. Acesso em: 19 jan. 2011.

PONTES, Annie Larissa Garcia Neves. **Irmandades do Senhor Bom Jesus dos Passos**: Festas e funerais na Natal oitocentista. Dissertação apresentada a Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, (2008).

POLLK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200 -212.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a História Oral diferente”. In. **Projeto História**, N.º 14, São Paulo: PUC, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. “Tentando Aprender um Pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. In. **Projeto História**, n.º 15, São Paulo: PUC, abril. 1997.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral** [seleção dos textos Alessandro Portelli e Ricardo Santiago: tradução Fernando Luiz e Ricardo Santiago]. – São Paulo: Letras e Voz, 2010 – (Coleção idéias).

REIS, João José. **A morte é uma festa**: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1991.